

Halina, a mestra dos vôos impossíveis

Referência obrigatória no ensino de dança acadêmica, a escola de Halina Biernaka comemora 50 anos de atividade no Brasil com um espetáculo no Sesc-Pompéia

Ana Francisca Ponzio

A escola de Halina Biernaka tem sido, nas últimas décadas, uma das referências obrigatórias do ensino de balé clássico em São Paulo, responsável pela formação de alguns dos bailarinos mais competentes dos palcos brasileiros, de várias gerações. Comemorando 50 anos de atividades no Brasil, ela acaba de montar um espetáculo que sua bem treinada trupe de bailarinos está apresentando no teatro do Sesc Pompéia. O objetivo de Halina, além de criar oportunidades de apresentação para seus alunos, é facilitar o contato do público com peças do repertório clássico. Formado em 1982, o grupo de Halina Biernacka inclui todas as exigências da dança acadêmica — ou seja, bailarinas longilíneas saltitando sobre sapatilhas de ponta, pernas e passos que se lançam do chão para alturas possíveis e impossíveis. Batizado de Balé Clássico de São Paulo, o elenco ainda não se considera profissional. Mas, em se tratando de pupilos de dona Halina (como todos a chamam), pode-se esperar um desempenho igual ou melhor do que certos habitués de palco.

O programa se compõe de duas coreografias: o segundo ato de *O Lago dos Cisnes*, de Petipa e Ivanov, sobre música de Tchaikovsky, e *Paquita*, também de Petipa e ao som de Minkus — ambas fiéis às versões criadas no século passado, segundo remontagens de Halina Biernacka que, dos anos 20 aos 30, estudou com alguns dos melhores professores da Europa, entre outros Bronislava Nijinska, irmã do legendário Nijinsky. Ex-bailarina do Balé da Ópera de Varsóvia, Halina nasceu em 1914, na cidade polonesa de Zaczopane. Com a Segunda Guerra Mundial, fugiu para a Sibéria, Japão, Argentina, chegando finalmente para o Brasil. “Desembarquei com apenas cinco dólares e, como aqui não havia companhias de balé clássico, resolvi dar aulas”, lembra.

Adepta do método de ensino russo — “porque permite expressões mais livres de cabeça e braços e exige do bailarino espontaneidade e certo temperamento” — Halina costuma formar seus alunos num prazo de seis a sete anos. “Depois disso, mando-os à luta”, diz. “O bailarino brasileiro precisa viajar, comparar-se com outros artistas e lutar pelo que falta em sua terra.” Embora observe que o balé em São Paulo evoluiu muito desde que aqui chegou,



Leonardo Castro

Halina formou várias gerações de bailarinos

Halina acha que ainda é necessária a criação de uma escola gratuita, com professores não acomodados a cargos públicos e em condições de formar bons profissionais. Outro problema apontado por ela é o mercado de trabalho restrito, que desestimula principalmente os homens.

Entre as bailarinas que já freqüentaram as aulas de Halina Biernacka estão Cecília Kersche, do Balé do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Sônia Motta, hoje trabalhando na Alemanha, Cecília Botto, do Scotland Ballet, e Áurea Storti, do Balé Nacional de Cuba. Ainda esbanjando boa forma, Halina administra sua escola com a ajuda de dois alunos-assistentes, Sérgio Bruno e Kyoni Ogura, que, para acompanhar a mestra, se valem de muito fôlego. “Ela chega diariamente às sete da manhã e nunca sai antes das oito da noite”, comenta Kyoni. Olhos azuis, perspicazes e atentos a cada movimento de seus atuais 200 alunos, Halina não pensa em se aposentar. Nem tem tempo para isso.

SERVIÇO

O Balé Clássico de São Paulo, dirigido por Halina Biernacka, apresenta-se hoje às 21 horas e amanhã às 18 horas no Teatro

do Sesc Pompéia (Rua Clélia, 93 - tel. 864-8544). Ingressos: Cr\$ 100,00 (preço único).



Método russo, fôlego e olhos atentos

Dança na pauta

■ A dança, em vários estilos de coreografia, domina um bom espaço neste final de semana em São Paulo. No Teatro Cultura Artística, hoje e amanhã, as últimas oportunidades para se ver *Impressões*, do Grupo Contadores de Estórias que, depois de encerrar temporada em São Paulo, começa a arrumar malas para Nova York, onde realizará, em janeiro, um estágio no Jacob's Pillow Dance Festival & School, um dos templos da dança contemporânea norte-americana. No Teatro João Caetano, também até domingo, o Grupo 1º Ato apresenta *Carne Viva* — trabalho que revela o belo potencial dessa trupe de bailarinos de Belo Horizonte. Mais para o ecológico, o programa *São Paulo Música e Dança*, promovido pela Prefeitura, mostra a partir das 16 horas de domingo, na Praça da Paz do Parque do Ibirapuera, o Balé da Cidade de São Paulo, a Companhia de Dança do Palácio das Artes e o Grupo Cisne Negro.

10/11/90

O ESTADO DE SÃO PAULO